



Drag queen Pablo Vittar com o prêmio “Homem do Ano”: representações de mo(vi)mentos de (re)existências

**Drag queen Pablo Vittar with the “Men of the Year” award:
Representations of mo(ve)ments of (re)existences**

*Wilker Ramos-Soares**

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás, GO, Brasil.

ORCID: 0000-0002-7182-7991

*Autor correspondente (e-mail: w.rsp@outlook.com)

Vanessa da Silva Correia

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás, GO, Brasil.

ORCID: 0000-0002-2701-3472

(e-mail: vanessa.correia.8@hotmail.com)

Letícia Gottardi

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás, GO, Brasil.

ORCID: 0000-0001-6172-4860

(e-mail: l.gottardi@hotmail.com)

Resumo: Somos diariamente provocadas pela ideia do que é ser mulher e do que é ser homem na sociedade brasileira contemporânea. Imposição de normas de comportamento e disciplina, exigências sobre o que falar e como se comportar e humilhações constantes se tornam parte comum do dia a dia daquelas pessoas que divergem deste comportamento normativo. Portanto, com este artigo buscamos problematizar os debates e as discussões que surgiram depois que uma drag queen levou o prêmio “Homem do Ano” de uma importante revista e como isso possibilita tensionarmos as noções de identidade de gênero e orientação sexual. Para tanto, nos fundamentamos em Fairclough (2001), Mendes Júnior e Seffner (2021), Austin (1990), entre outras, para refletir sobre o discurso como prática social e as relações de poder; Takara (2019), Butler (2012), Urzêda-Freitas (2018), entre outras, para debater sobre sexualidade e discurso de ódio; Baxter (2008), Lazar (2005), Lugones (2008), Curiel (2007), entre outras, para discutir sobre feminismo e feminismo decolonial. Discutir sobre as representações discursivas em suas múltiplas modalidades, aqui em especial no que tange às questões de gênero e sexualidade, torna-se necessário e urgente para a construção de uma sociedade menos violenta e que condene diariamente as práticas que provocam o sofrimento humano e a barbárie. Além disso, este artigo argumenta em favor de perceber a performatividade e os atos de corpo como novas oportunidades para implementar debate sobre corpo, afeto e identidade, especialmente em se tratando de um mundo virtual e visual conectado em semioses e redes.

Palavras-chave: Sexualidade. Discurso de ódio. Práticas sociais. Identidade. Gênero.

Abstract: We are daily provoked by the idea of what it is to be a woman and to be a man in contemporary Brazilian society. Imposition of norms of behavior and discipline, demands on what to say and how to behave, and constant humiliations become a common part of everyday life for those who diverge from this normative behavior. Thus, with this article we seek to problematize the debates and discussions that emerged after a drag queen received the “Men of the Year” award by an important magazine and how this makes it possible to tension the notions of gender identity and sexual orientation. To do so, we rely on Fairclough (2001), Mendes Júnior e Seffner (2021), Austin (1990), among others, to reflect on discourse as a social practice and power relations; Takara (2019), Butler (2016), Urzêda-Freitas (2018), among others, to discuss sexuality and hate speech; Baxter (2008), Lazar (2005), Lugones (2008), Curiel (2007), among others, to discuss feminism and decolonial feminism. Discussing about the discursive representations in their multiple modalities, here in particular regarding gender and sexuality issues, becomes necessary and urgent for the construction of a less violent society that daily condemns the practices that cause human suffering and barbarism. In addition, this article argues in favor of perceiving performativity and body acts as new opportunities to implement debates about body, affection, and identity, especially in a virtual and visual world connected in semiosis and networks.

Keywords: Sexuality. Hate speech. Social practices. Identity. Gender.

1. Introdução

É muito louco estar ganhando um prêmio desse, porque nunca me vi numa posição de “sou homem”. Eu sou o que eu quiser ser. [...] Ganhar um Men of the Year é afirmar que posso, sim, caminhar pelo masculino, pelo feminino e ter sucesso em ambos¹.

No final de 2020, o artista Pablo Vittar, cantor e *drag queen* brasileiro, foi premiado pela Revista GQ Brasil como “Ícone do Ano” na premiação anual *Men of The Year*². Na época, aos 26 anos, Pablo Vittar se tornou a primeira *drag queen* a ganhar esse prêmio e estampar a capa da edição especial de dezembro da revista. Esse episódio causou grande comoção e repercutiu comentários na grande mídia, gerando debates sobre a imagem de um “viado de peruca”³ estampando a capa de uma revista destinada a destacar os melhores homens do ano. São as inquietações e as provocações que emanam desse acontecimento discursivo⁴ que nos motivaram para a escrita deste texto.

Problematizar e discutir sobre performance e identidade de gênero torna-se crucial quando olhamos para a quantidade de crimes motivados por LGBTQIAPfobia no Brasil. Segundo pesquisa do Grupo Gay da Bahia⁵, tivemos quase 600 mortes entre 2019 e 2020 provocadas por crimes motivados por identidade de gênero e/ou orientação sexual (GGB, 2019; 2020). “Literalmente, gays, lésbicas, travestis e pessoas trans são mortas pela perpetuação da violência contra aquelas que margeiam a heteronorma” (TAKARA, 2019, p. 234). Por isso, é urgente problematizar “o papel das trocas linguísticas na constituição das identidades (de sexualidade, raça, gênero etc.)” que provocam, diariamente, o sofrimento humano (ROJO, 2006, p. 256). Os números assustadores desses crimes e a revoltante impunidade ocasionada por eles fazem textos como este serem cruciais para tentar (des)construir uma sociedade menos perversa e menos difícil de amar (FREIRE, 2016).

Para isso, partimos da seguinte interrogação: os debates e as discussões que surgiram com a premiação de uma *drag queen* como “Homem do Ano” de uma importante revista podem possibilitar tensionarmos as noções de identidade de gênero e orientação sexual? Com isso, objetivamos aqui refletir o que emana desse acontecimento discursivo e quais reflexões são possíveis de serem tensionadas em relação às noções de gênero social, tal como a problemática de existir premiações que ainda reforçam a binaridade de gênero em categorias como “melhores homens” e “melhores mulheres”.

¹ Parte do discurso de Pablo Vittar ao receber o prêmio Men of the Year em 2020 pela Revista GQ Brasil.

² “Homem do Ano”, em tradução livre.

³ Após a popularização da notícia sobre o reconhecimento de Pablo Vittar ganhando como “Homem do Ano”, diversas pessoas foram às mídias manifestar suas impressões sobre esse fato, dentre elas um deputado estadual brasileiro que usou sua conta oficial no Twitter para manifestar sua indignação por “um viado de peruca” ganhar tal prêmio. Com essa afirmação ofensiva e homofóbica, o deputado recebeu diversas críticas e repúdios, fazendo seu comentário ser deletado em seguida.

⁴ Consideramos acontecimento discursivo como uma forma de referência aos enunciados analisados. Esse conceito é pautado na teoria de Michel Foucault (2013, p. 97-98), o qual considera o enunciado como sendo “sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem de fato esgotar”; e que surge a partir de um “conjunto de condições que regem, em um momento dado e em uma sociedade determinada, [...] sua conservação [...]”.

⁵ Há 42 anos, o Grupo Gay da Bahia (GGB) coleta informações e divulga o Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBTQIAP+ no Brasil.

Reconhecemos que no “terreno acidentado das definições de gênero há uma infinidade de tipos de sapatos para se caminhar [...], mas para além do ‘caminhar’ existem os deslizamentos, o lambuzar-se de terra, o barro que deixa algumas partes de si modificadas e outras não” (BAIO, 2017, p. 58), e é nesse cenário que localizamos este estudo. Por isso, consideramos gênero uma das características primárias na constituição das identidades (LUGONES, 2008; BUTLER, 2012; MEOTTI, 2020), sendo, desta forma, uma categoria fundante que estrutura e organiza a sociedade contemporânea.

Partindo das discussões de Judith Butler (2012), entendemos que a imagem da *drag queen* representa uma subversão performativa do gênero, dado que o performer joga com a dimensão entre a anatomia de quem está performando e o gênero que está sendo performado. Sendo assim, o performer por trás da *drag queen* ao imitar o gênero “revela implicitamente [sua] estrutura imitativa – assim como sua contingência”, bagunçando as noções sociais de gênero (BUTLER, 2012, p. 237). Com isso, os binarismos mulher/homem, homossexual/heterossexual, feminino/masculino deixam de dar conta de nominar a forma múltipla como esses corpos se apresentam, causando, por exemplo, as inquietações presentes na fala do Pablio Vittar ao receber o prêmio: “*ganhar um Men of the Year é afirmar que posso, sim, caminhar pelo masculino, pelo feminino e ter sucesso em ambos*” (DO VALLE, 2020).

Dessa maneira, encaramos a capa da Revista *GQ Brasil* estampando Pablio Vittar como “Homem do Ano” não como um objeto em si, mas como o resultado de todo um movimento da sociedade em que o discurso é uma ação que pode ser produzida antes desse movimento, sendo também um resultado dele (FAIRCLOUGH, 2001). Logo, a capa e a premiação passam a ser vistos como uma imagem que representa um resultado dessa ação. Nesse contexto, debruçamos nossas análises sobre a imagem encarada como um produto, mas tendo em vista que houve uma série de acontecimentos discursivos que a geraram e que, para além desse produto, são geradas outras discussões.

Acreditamos, ainda, ser importante ressaltar que este texto é escrito por duas autoras e um autor que se identificam como cisgênero – ainda que não se encaixem na normatividade classificatória que a construção social tradicional/conservadora define –, não pretas/o, latinas/o e não heterossexuais. A motivação para a escrita deste texto insurgiu do encontro praxiológico das autoras e do autor, guiadas/o pela Educação Linguística Crítica, mediadas/o pela inquietação sobre a padronização da performance de gênero e a observação da estranheza de corpos *outros* ocupando espaços que durante muito tempo só foram ocupados por hegemonias.

Além desta introdução e das considerações finais, este artigo está organizado em outras duas seções: na primeira, apresentamos a construção do nome Pablio Vittar e todas as representações e representatividades presentes no corpo deste artista, além de traçar reflexões acerca dos discursos de ódios e ataques que a *drag queen* recebeu nas redes sociais após a publicação da capa em que aparece como “Homem do Ano”; e na sequência, refletimos como a imagem de uma *drag queen* possibilita uma bagunça performativa em nossas noções sociais de gênero, como também as contribuições dos estudos feministas e feministas decoloniais para essas discussões.

2. Um *viado de peruca* como homem do ano? Experiências que rompem com a dimensão hegemônica de gênero e sexualidade⁶

O nome Phabullo Rodrigues da Silva pode até passar despercebido aos ouvidos do público em geral, mas certamente o mesmo não ocorre com Pabullo Vittar, alcunha que há anos vem conquistando espaço no cenário musical nacional e internacional. O cantor e drag queen brasileiro nascido em São Luís, no Maranhão, iniciou a carreira em 2015 com o lançamento da música e do clipe “Open bar” e, desde então, vem ganhando relevância no mundo da música e acumulando recordes. Em 2018, seu álbum intitulado “Não para não” conseguiu o feito inédito de incluir todas as faixas no Top 50 das canções mais populares no *Spotify* Brasil, e seu último álbum “Batidão Tropical”, lançado em 2021, registrou mais de quatro milhões de reproduções no *Spotify* Brasil, transformando-se na maior estreia de um álbum na plataforma naquele ano no país.

Nesse sentido, seria equivocado pensar que o impacto de um artista como Pabullo Vittar, homossexual, afeminado e *drag queen*⁷, se resumiria apenas às paradas musicais. Em 2021, Pabullo se tornou a *drag queen* com maior número de seguidores na rede social *Instagram*, acumulando mais de 12 milhões de seguidores, além de ser a *drag queen* mais assistida na plataforma *YouTube* em todo o mundo. Ter uma figura tão emblemática da comunidade LGBTQIAP+ ocupando espaços até então inimagináveis gerou, e ainda gera, um incontestável efeito transformador sobre a sociedade brasileira de modo geral. Assim, é preciso compreender o objeto de análise deste artigo, a capa de Pabullo Vittar para a Revista *GQ Brasil*, não como um objeto isolado que se basta em sua existência, mas sim como o resultado de um mo(vi)mento, como um produto que foi gerado por uma série de acontecimentos discursivos, e a partir do qual também são, e ainda serão geradas outras discussões.

Em termos de suporte de produção discursiva, a Revista *GQ*, originalmente *Gentlemen's Quarterly*⁸, é um rótulo publicado nos Estados Unidos, no Reino Unido e no Brasil que se dedica à publicação de conteúdos sobre moda, cultura e *lifestyle* para homens. A revista tem edições mensais com artigos sobre alimentação, cinema, sexo, música, viagens, esporte, tecnologia e livros. Ela funciona como um tipo de “guia” comportamental para homens modernos que se cuidam e se preocupam com sua aparência e estilo de vida. A circulação e o consumo da revista acontecem por meio de assinatura eletrônica no valor de aproximadamente dezoito reais mensais. Por ser popular entre um público mais jovem e de classe abastada – e servir como uma espécie de “guia” –, os discursos que circulam na revista acabam por criar (e reforçar) padrões de beleza, tendências e comportamentos, influenciando grandemente a sociedade contemporânea.

⁶ Parte das discussões propostas nesta seção foi apresentada no III Congresso Internacional de Educação – CONEduc-UFS, e um Resumo Expandido foi publicado nos Anais dessa edição do evento.

⁷ É importante reforçar que drag queen não tem nada a ver com identidade de gênero ou orientação sexual: qualquer pessoa, homo, hétero, bissexual etc., cis, transgênero etc., pode ser uma drag queen (ou drag king, ou drag queer), pois drag é uma manifestação artística.

⁸ Em tradução livre, “Trimestral dos Cavalheiros”.

Alternando entre figuras masculinas e femininas em suas capas, a revista passou a circular no Brasil em abril de 2011, pela Editora *Globo-Condé*, no mesmo ano em que ocorreu a primeira edição do Prêmio *Men of the Year Brasil*, premiação que escolhe os homens – e uma mulher – que tiveram feitos de destaque no país ao longo do ano. Apesar do nome, a premiação não tem nenhuma categoria intitulada *Men of the Year* ou “Homem do Ano”, mas sim treze seções que abrangem diferentes áreas de atuação, entre elas a chamada “Ícone do Ano”, considerada a mais importante das categorias, que rendeu a Pabllo Vittar a capa da revista no ano de 2020.

Na capa⁹ o maior destaque fica por conta do rosto da drag queen em preto e branco, levemente inclinado para a direita, quase em perfil. Pabllo usa peruca com cabelos pretos ondulados de tamanho médio e uma franja curta que quase cobre as sobrancelhas descoloridas. Os cabelos pretos recaem sobre o lado esquerdo do rosto do cantor e é possível notar na parte debaixo do cabelo algumas mechas loiras, descoloridas assim como as sobrancelhas. A *drag queen* usa o que parece ser uma camisa preta de couro e um colar redondo simples ao redor da circunferência do pescoço. Pabllo está com lentes claras em seus olhos, adornados por cílios postiços volumosos e de modelagem delicada. O cantor não usa sombra nos olhos, mas tem pequenas sardas desenhadas na lateral do nariz, e o batom é coberto por um *gloss*, ambos em tons claros. A cor surge na capa através de uma projeção da silhueta do cantor atrás de sua cabeça, uma projeção roxa e outra azul. No canto superior direito da capa, observa-se o logotipo da revista, que cobre metade do topo da cabeça de Pabllo, duas letras “G” e “Q” brancas e embaixo delas a palavra “BRASIL” escrita numa fonte menor. No canto inferior esquerdo, está escrito em caixa alta o nome “PABLLO VITTAR”, e logo acima, com uma fonte consideravelmente menor, o termo “ÍCONE”. O “Men of the year” surge escrito na lateral direita da capa em um tom de amarelo que em muito lembra o dourado.

A figura de Pabllo Vittar estampando a capa da Revista *GQ Brasil* suscita uma série de inquietações e problematizações relacionadas à questão de gênero e sexualidade, cujos significados estão imbricados na construção desse sujeito e na sua relação com as práticas sociais das quais ele faz parte. Diversos discursos de ódio começaram a circular nas redes sociais sobre a imagem de um “viado de peruca” estampando a capa de uma revista como o “Homem do Ano”, como podemos observar na imagem 1 logo abaixo.

Compreendemos, tal como Samilo Takara (2019, p. 229-230), que:

[...] o ódio é um dos movimentos que impregnam nossas representações contemporâneas acerca dos sujeitos que estão marginais – tendo em vista que a norma localiza o anormal para usar, de forma pedagógica, o mau exemplo. [Sendo assim], nas dinâmicas sociais e culturais contemporâneas que constituem a he-

⁹ Não trouxemos a imagem da capa para este texto por se tratar de uma imagem que tem os direitos autorais reservados. Mas, apesar de o acesso à revista requerer assinatura, a imagem da capa (tal como a foto do artista) é facilmente encontrada em buscas na internet e nas redes sociais oficiais do cantor, assim como nas da revista. Para questões discursivas importantes na análise neste texto, optamos por descrever os elementos visuais presentes na capa de forma textualizada.

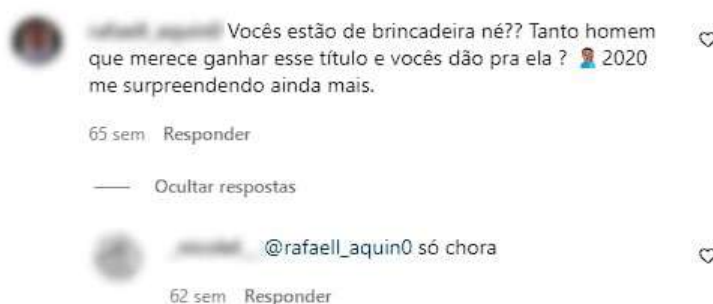
terossexualidade, [violentam] a dimensão da homossexualidade e as experiências que rompem com a dimensão cis-heterossexual hegemônica.

Imagem 1: Print de um tuíte realizado pelo perfil oficial de um deputado estadual brasileiro após a divulgação da capa na edição de dezembro na Revista *GQ Brasil* estampando Pablo Vittar como “Homem do Ano” na categoria “Ícone”.



Com isso, a “heterossexualidade é, então, nesse jogo de poder, uma naturalização das práticas sociais e culturais que orientam os códigos que são compreendidos por naturais” (TAKARA, 2019, p. 229). Segundo Norman Fairclough (2001, p. 90), o discurso pode ser considerado como “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”. Ao lançarmos olhares para as dimensões da homofobia presente na hostilização recebida por Pablo nas redes sociais, podemos perceber que ela não age do mesmo modo frente a essas experiências de ódio e violência (TAKARA, 2019). A homofobia “também inscreve os modos de relação das mulheres e dos homens cis e transexuais ao aparecer no discurso como um elemento que positiva ou negativa os sujeitos como, por exemplo, a ideia de que tal ato ou gesto é ou não homossexual” (TAKARA, 2019, p. 231).

Imagem 2: Print de um comentário no post com a foto da capa da edição de dezembro de 2020 estampando Pablo Vittar no perfil oficial da Revista *GQ Brasil* no Instagram.

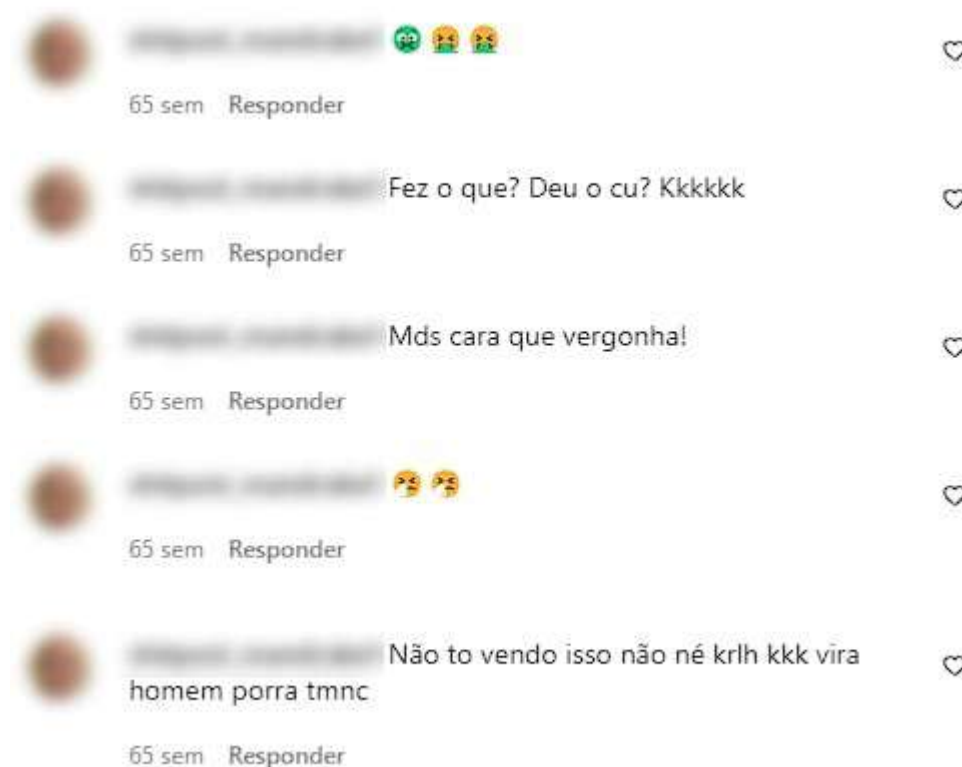


É possível perceber na imagem 2 que há uma confusão de gênero provocada na comparação da afirmação “[tem] tanto homem” acompanhado em sequência do pronome feminino “ela”. A frustração da heteronormatividade fica ressaltada quando acompanhada da fala “2020 me surpreendendo ainda mais”, reforçando as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas que constituem a heterossexualidade compulsória.

Imagem 3: Print de um comentário no post com a foto da capa da edição de dezembro de 2020 estampando Pablo Vittar no perfil oficial da Revista *GQ Brasil* no *Instagram*.



Imagem 4: Print de um comentário no post com a foto da capa da edição de dezembro de 2020 estampando Pablo Vittar no perfil oficial da Revista *GQ Brasil* no *Instagram*.



Da mesma forma, podemos perceber que o argumento do internauta da imagem 3, que elenca as características que fariam ser “inadmissível” que Pablo recebesse o prêmio, atravessa os elementos que positiva ou negativa os sujeitos com a ideia de que tal ato ou gesto é ou não homossexual, tal como colocado por Samilo Takara (2019). Além disso, na hostilização presente nas imagens 3 e 4 é possível perceber expressões homofóbicas e violentas que atacam diretamente o artista, colocando-o em uma posição subalternizada. Entendemos, então, que nas imagens 2, 3 e 4 podemos observar o tom agressivo e desrespeitoso que foi usado em diversos momentos para atacar a Pablo e a revista pela decisão dela, desde afirmações incrédulas com a escolha até uso de palavras de baixo calão na tentativa de deslegitimar o reconhecimento da premiação. Todos esses discursos estão dentro de uma lógica homofóbica e machista de perceber a figura do “homem”.

Com isso, podemos dizer que “existe um julgamento de ofensa que perpassa a raiva e que alimenta seu funcionamento a tal ponto que ela se torna resultado de um exercício de avaliação da realidade” (TAKARA, 2019, p. 232). Nessa conjuntura, no meio de disputas de poder “há aqueles corpos que se acreditam normais, são os que ocupam o centro, e há corpos [colocados nas] margens” (MENDES JÚNIOR; SEFFNER, 2021, p. 236). Nessa arena de disputas de poder, antes mesmo de nascermos, na “descoberta” do sexo do bebê pela ultrassonografia, há um roteiro impregnado pela lógica social que já prevê o *quem* aquela pessoa deverá *ser* (BUTLER, 2012), lógica esta altamente difundida pela mídia, no show de horrores que se tornou o “chá de revelação” nos dias de hoje.

Nessa tentativa de padronizar a existência antes mesmo do nascimento, em que as categorias são entendidas como homogêneas, a projeção da ideia que permeia o imaginário coletivo reverbera nas práticas sociais. Logo, *tornar-se*, neste contexto, já é um processo de dominação. O sufocamento das existências em suas condições plenas, uma vez que *ser/estar* “mulher” ou “homem” está pautada na ideia biológica, parte de uma visão fixa de identidade. Sendo assim, “o gênero, dentro [desta] perspectiva [...], é construído pela representação de duas partes dicotômicas (masculino e feminino) e hierárquicas, as quais invisibilizam a complexidade e a pluralidade das existências humanas” (MEOTTI, 2020, p. 16).

Ao pensarmos na materialidade discursiva que emana dessa capa, podemos perceber no ato de fala presente ali, que

[...] a presença material e simbólica do corpo na execução do ato é uma marca que se impõe no efeito linguístico. Uma ameaça se materializa pelo enunciado performativo que a opera, mas também pelo efeito do movimento do corpo que executa o enunciado. Essa afirmação não cria, como se poderia esperar, uma dicotomia corpo/linguagem, mas, ao contrário, mostra que o efeito do ato de fala é operado ao mesmo tempo pelo que é dito, pelo quem diz e pelo como é dito – como o corpo diz, como o enunciado diz (PINTO, 2009, p. 10).

Com releituras da Teoria dos Atos de Fala de John Austin (1990), pesquisadoras¹⁰ problematizam a íntima relação entre corpo-linguagem-prática social. Segundo Joana Pinto (2009, p. 3), a fim de investigar o lugar do corpo como ato de fala “autoras e autores diversos exploram, direta ou indiretamente, o pensamento austianiano”. Ao falar de atos de fala (AUSTIN, 1990) estamos também falando de atos de corpo. Sendo assim, para este estudo, foram mobilizadas discussões que caminham por praxiologias/letramentos *queer*, pois acreditamos que essas discussões têm a finalidade de provocar desestabilizações e rearticulações de sentidos sobre questões identitárias (URZÊDA-FREITAS, 2018), sobretudo no envolvimento do gênero e da sexualidade. Sendo assim, *queer*

é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina* (LOURO, 2004, p. 7-8, grifos nossos).

Ao compreender a língua como prática social e as língua(gen)s como performances linguístico-identitárias, “os letramentos *queer* visam criar inteligibilidades situadas sobre discursos e vivências” subalternizadas, potencializando a “articulação de compreensões subversivas sobre discursos e performances identitárias hegemônicas que estruturam a vida social e que causam sofrimento humano” (URZÊDA-FREITAS, 2018, p. 281). A materialidade do corpo não pode ser pensada de forma separada da materialização da norma que a regula (BUTLER, 2000), logo, é importante percebermos o gênero como uma construção social que se dá via linguagem, um efeito, assim sendo, do ato de fala-corpo, que podemos perceber como um:

[...] conjunto do ato corporal porque o sujeito está totalmente implicado nas regras discursivas que possibilitam o corpo. Como ser se não ou “homem” ou “mulher”? Essa primeira regra opera a heterossexualidade compulsória, e postula a única possibilidade do sujeito (PINTO, 2009, p. 20).

Nesse sentido, ao entendermos corpo-linguagem como algo indissociável, entendemos esse ato de fala como um ato de corpo (PINTO, 2009). Compreendendo que nossas identidades são construídas entre a relação do eu e da outra (GOTTARDI, 2021), percebemos que essas “[i]dentidades são construções exigidas pelos ritos convencionais que postulam o sujeito de maneira a garantir a possibilidade do ‘nós’ a partir da significação da existência prévia do ‘eu’” (PINTO, 2002, p. 93, grifo no original).

Logo, a figura da *drag queen* Pablllo Vittar na capa da Revista GQ Brasil, muito mais do que uma representação visual, constitui uma representação materializada em texto que gera e é gerada por práticas sociais e práticas discursivas. Ou seja, a capa representa, consciente ou

¹⁰ Em língua portuguesa, utilizamos o masculino genérico para marcação de gênero social na escrita. Porém, por entendermos que essa construção gramatical contribui para uma manutenção sexista da linguagem, optamos neste texto por transgredir essa regra e usar a marcação de gênero feminino genérico no plural como forma de tensionar relações do patriarcado imbricados na língua(gem).

inconscientemente, um histórico de investidas de reestruturação de relações de poder desiguais que permeiam as práticas sociais e discursivas e nelas estão enraizadas, pois

[...] ao produzirem seu mundo, as práticas dos membros são moldadas, de forma inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores vão sempre além da produção de sentidos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 100).

Na relação performática das identidades no mundo social (FABRÍCIO, 2006), construída via língua(gem), “todas as práticas de significação e que produzem significados envolvem relação de poder” (WOODWARD, 2003, p. 19). Procurando *estranhar* (URZÊDA-FREITAS, 2018) e problematizar essas produções de sentidos em um contexto de Educação Linguística Crítica, percebemos que pensar em praxiologias/letramentos *queer* para um contexto educacional pode ser uma forma de enfrentamento de violências e de opressões que corpos subalternizados passam diariamente. Discursivamente, praxiologias/letramentos *queer* acionam novas formas de significar o mundo e as pessoas, sendo possível assim caminhar para uma educação outra que seja realmente libertadora (FREIRE, 2016; hooks, 2017).

3. Um homem de peruca fazendo história: mo(vi)mentos de (re)existências

Somos diariamente provocadas pela ideia do que é *ser mulher* e do que é *ser homem* na sociedade brasileira contemporânea. Imposição de normas de comportamento e disciplina, exigências sobre o que falar e como se comportar e humilhações constantes se tornam parte comum do dia a dia daquelas pessoas que divergem deste comportamento normativo. Refletindo sobre a atual conjuntura social que vivemos, o corpo lido como hegemônico – e muitas vezes a única narrativa contada – é homem, cisgênero, binário, branco, heterossexual, magro/malhado de classe abastada, do Sul/Sudeste do Brasil, católico, monogâmico. Assim, “o xingamento, o insulto, a violência física, a ameaça e a hostilidade ambiente são parte do horizonte existencial dos que se situam fora da norma” (DE OLIVEIRA, 2014, p. 9).

Com isso, podemos notar que a representação de gênero é um processo social em que as designações sobre o que se entende por sexo biológico são socioculturalmente construídas, permeadas pela relação da heterossexualidade compulsória e do patriarcado, que estão intrinsecamente relacionadas no próprio significado de gênero (LUGONES, 2008). Assim, percebe-se a capacidade que um ato discursivo tem de influenciar não apenas a construção do sujeito em si, mas também o modo como esse sujeito irá afetar e influenciar os outros indivíduos a seu redor e a comunidade na qual está inserido.

Sendo assim, entendemos que:

[...] os estudos de gênero têm procurado acentuar o caráter social das diferenças ditas sexuais, e expor a relação entre os gêneros como uma complexa rede de poderes, naturalizados e levados bem além do biológico pela distinção entre feminino e masculino,

e ao mesmo tempo fragmentados pelas repetições, modificações e recusas da incessante constituição das identidades de gênero (PINTO, 2002, p. 20).

Consideramos aqui gênero como uma das características primárias na constituição das identidades (LUGONES, 2008; BUTLER, 2012; MEOTTI, 2020). Compreendemos que gênero funciona como uma das categorias que permite aos membros de uma comunidade entender e estruturar suas práticas sociais, e que faz parte de todas as relações e atividades da sociedade. Por isso, não se pode afirmar que as práticas sociais são neutras, mas sim que estas são, de fato, marcadas pelo gênero (LUGONES, 2008).

Refletir sobre esse ideal de gênero nesse *cistema*¹¹ é pensar no feminismo como “instrumento teórico que permite dar conta da construção de gênero como fonte de poder e hierarquia” (BAIRROS, 1995, p. 460). Ao longo de quase duas décadas, pesquisadoras e militantes feministas vêm problematizando a ideia de linguagens que naturalizam e perpetuam sistemas sexistas e heteropatriarcais (BAXTER, 2008; CHRISTIE, 2000; KITZINGER, 2000; LAZAR, 2005). Além disso, criando a possibilidade de se pensar um feminismo (decolonial) capaz de auxiliar na decolonização teórica e epistemológica de referenciais com um falso viés de “neutralidade” (LUGONES, 2008; MAMA, 2008; CURIEL, 2007; GONZÁLEZ, 2020; ANZALDÚA, 2010; VALCARCEL, 2008; SEGATO, 2012; PERROT, 2005; DAVIS, 2017).

Sendo assim, é inegável que o *feminismo*

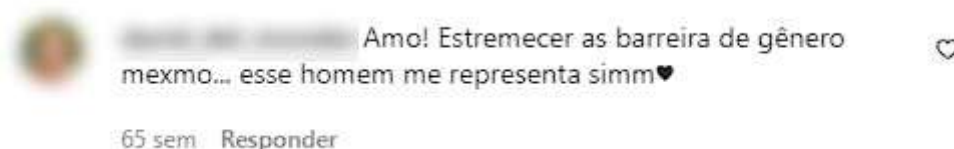
como [praxiologia] vem desempenhando um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, à medida que, ao apresentar novas perguntas, não somente estimulou a formação de grupos e redes, mas também desenvolveu a busca de uma *nova forma de ser* [...] (GONZALEZ, 2020, p. 12, grifo nosso).

Com isso, as performances identitárias diversas que compõem a pintura social atual indicam um caminho para pesquisas que compreendam os atravessamentos identitários como/para além das formas simplistas de se explicar o sujeito concebido no sistema mundo moderno/colonial, o que propomos neste estudo. Por mais que possamos perceber uma ampliação em discussões sobre a fluidez performativa da identidade – em que esse sujeito vive em um cenário sem estacas identitárias e em um lugar de areia movediça (HALL, 2006) –, se olharmos para o Brasil hoje – e a maneira como naturalizamos a violência aqui e como isso faz parte da estrutura estruturante das relações brasileira (SCHWARCZ; STARLING, 2018) –, ainda existe um abismo entre identidades tidas como hegemônicas e as subalternizadas. Nessa dinâ-

¹¹ Usamos aqui a junção da palavra “cisgeneridade” (condição da pessoa cuja identidade de gênero está em conformidade com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento) com a palavra “sistema” (no sentido social da palavra, representa uma série de inter-relações existentes entre os indivíduos, formando um todo), pois percebemos que o sistema em que foi construído a nossa sociedade atual foi feito de um conjunto de “estruturas, instituições, relações e ações que promovem e produzem a heterossexualidade [e a cisgeneridade] como natural, autoevidente, desejável, privilegiada e necessária” (CAMERON; KULICK, 2003, p. 55). Ao fazermos essa junção, estamos convidando as/os leitoras/es a refletir como nossas práticas sociais – muitas vezes – são (re)produzidas de forma injusta e desigual a depender do corpo que está falando.

mica de dominação extremamente violenta em que a noção social de gênero se encontra, outro fator a que o feminismo se contrapõe são as classificações binárias excludentes, ou seja, aquelas que não comportam identidades fixas e estereotipadas (CURIEL, 2007).

Imagem 5: Print de um comentário no post com a foto da capa da edição de dezembro de 2020 estampando Pablló Vittar no perfil oficial da Revista *GQ Brasil* no *Instagram*.



Ainda que grande parte dos comentários recebidos pelo posicionamento da revista em premiar uma *drag queen* como “Homem do Ano” sejam de ataques com teor homofóbico, é possível perceber que esse movimento também provocou algumas desestabilizações nas noções de gênero. No comentário da imagem 5, podemos perceber que o gênero ainda é entendido como uma barreira que – muito provavelmente – divide o que é “homem” e o que é “mulher”. Ao dizer que a imagem do Pablló estremece essa barreira, também se cria um movimento de pensar em outras possibilidades de ser/estar no mundo – o que acreditamos caminhar fortemente no debate/proposta dos estudos feministas.

Imagem 6: Print de um comentário no post com a foto da capa da edição de dezembro de 2020 estampando Pablló Vittar no perfil oficial da Revista *GQ Brasil* no *Instagram*.



Já no comentário da imagem 6, o que nos salta aos olhos é perceber a tentativa de ampliar as possibilidades pronominais para se referir a Pablló. Entendemos que esse movimento vai no caminho contrário à ideia de neutralizar o gênero, ampliando as possibilidades que um corpo tem de performar gênero social no/com o mundo. No entendimento de Judith Butler (2012), o corpo de uma *drag queen* cria uma subversão performativa no que entendemos por gênero social. Isto, pois como já explicitado anteriormente, o performer joga com dimensão de sua anatomia corpórea e o gênero que está sendo performando. Porém,

estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. Se a anatomia do performista já é distinta de seu gênero, e se os dois se distinguem do gênero da

então a performance sugere uma dissonância não só entre sexo e performance, mas entre sexo e gênero, e entre gênero e performance (BUTLER, 2012, p. 196).

Essa afirmação de Judith Butler (2012) é facilmente encontrada no teor dos comentários da imagem 5 e 6. É importante perceber o que representa a capa da revista *GQ Brasil* estampando a Pablllo Vittar como “Homem do Ano” e como o discurso presente nessa capa se apresenta como uma ação que pode modificar a realidade ao ampliar o repertório de como é percebido e encarado gênero socialmente. Por isso, esse discurso-ação é encarado por nós como um movimento que antecede a capa, mas que também é fruto dela. Ao nos debruçarmos sobre esse produto e tudo que emana dele, criamos tessituras possíveis sobre uma série de movimentos e investidas sociais que possibilitaram esse histórico momento de uma *drag queen* ganhando pela primeira vez a premiação “Homem do Ano” e estampando, assim, a capa dessa revista.

Alguns movimentos anteriores à capa também são importantes para analisar tamanha repercussão nas redes sociais. Antes de receber a premiação e estampar a capa da revista *GQ Brasil* em sua edição comemorativa da premiação, Pablllo já havia posado para diversas outras revistas com muita relevância, dentre elas *Vogue*, *Rolling Stone*, *Marie Claire*, *Quem*, *Attitude*, *Elle*, entre outras. Em todas, quando foi capa, posou montada de *drag queen*, e em nenhuma dessas tivemos tanta comoção midiática como aconteceu com a *GQ Brasil*. Em 2019, Pablllo posou para a capa da revista *POP-SE!* desmontada, ao lado de sua *drag*, com o intuito de mostrar suas “duas facetas”. Além disso, o cantor já apareceu em premiações e programas de TV também desmontado. Porém, o conflito visual de se encarar uma *drag queen* como o “Homem do Ano” foi justamente o que causou a repercussão (positiva e negativa) para essa premiação, dado que o reconhecimento não surgiu na categoria “cantor” ou “música”, mas na de “ícone”.

É interessante trazer à baila também que na nona edição da premiação *Men Of The Year*, promovida pela Revista *GQ Brasil*, o ator e diretor Silvero Pereira levou o “Homem do Ano” na categoria “Cinema” pela brilhante interpretação da personagem Lunga no filme *Bacurau*¹². Na ocasião, o ator, que também é *drag queen*, decidiu ir montado de *drag* para receber o prêmio em 2019. Durante a sua fala de agradecimento, palavras muito emblemáticas foram ditas:

Eu imagino que muita gente deve se perguntar agora: como alguém pode vir ao prêmio “Homem do Ano” vestida dessa forma? É pra afrontar? Pra aparecer? Para ganhar likes? Não! É apenas pelo direito de liberdade de ser e estar feliz. [...] Se eu estou aqui hoje, vestida dessa maneira, é porque em diversos momentos me disseram que eu não podia. [...] Eu vim do sertão do Ceará. Sei o

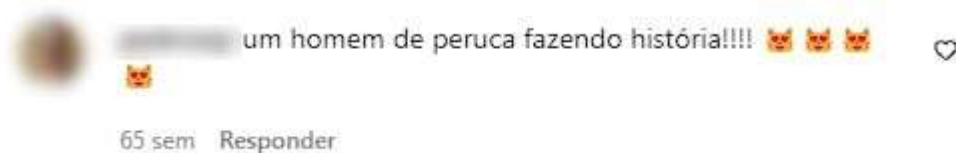
¹² Produção brasileira dirigida por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. O filme ganhou diversos prêmios, nacionais e internacionais, dentre ele o Prêmio do Júri em 2019 no Festival de Cannes.

que é passar fome e o que é passar sede. Eu fui violentado socialmente por diversos anos. Mas eu estou aqui e queria dizer que o meu lado feminino empodera o meu lado masculino. É por isso que eu vim assim (PEREIRA, 2019)

Ainda depois desse momento de premiação, quando questionado sobre a escolha de ir montada de *drag* na premiação, Silvero respondeu em alguns momentos que as pessoas precisam entender a *drag queen* como uma arte cênica. Nas palavras dele, “essas artistas se dedicam na interpretação e na composição das personagens e, artisticamente, não ocupam ainda o lugar que elas merecem” (PEREIRA, 2019). Ainda assim, nesse ano em questão, a capa da revista não teve Silvero Pereira, nem tão pouco a arte de sua *drag* foi o motivo da indicação na premiação, dado que o reconhecimento foi pela sua atuação em uma longa-metragem. Porém, entendemos que esse acontecimento discursivo de 2019 e as reverberações que teve na grande mídia também tiveram efeitos significativos para que em 2020 tivéssemos a primeira *drag queen* estampando a capa da revista como o “Homem do Ano”.

Reconhecemos que os corpos, assim como suas representações e seus modos de ser e estar no mundo, são – ao mesmo tempo – produtos e possibilidades de resistência (TAKARA, 2019). Estar no lado não hegemônico e resistir dentro de um sistema opressor faz com que nossas ações alagem as estruturas previamente estabelecidas pela normatividade heterossexual (TAKARA, 2019). Isso potencializa a necessidade de que tenhamos narrativas *outras* contadas por vozes *outras*, que corpos *outros* ocupem cada vez mais espaços na nossa sociedade. E aqui entendemos a palavra corpos no plural “e para muito além dos plurais [...] corpos podem ser coletivos” (MENDES JÚNIOR; SEFFNER, 2021, p. 236). Com isso, “a vida escapa, enfrenta, esgueira, produz sentidos” (TAKARA, 2019, p. 237).

Imagem 7: Print de um comentário no post com a foto da capa da edição de dezembro de 2020 estampando Pablio Vittar no perfil oficial da Revista *GQ Brasil* no *Instagram*.



Levando em consideração que a representação do mundo social é (re)construída culturalmente via linguagem, Mary Bucholtz e Kira Hall (2016) problematizam a relação dos estudos linguísticos tomarem o corpo simplesmente como suporte da língua, e não em uma relação constitutiva na qual o corpo que fala se produz ao (se) falar, dá-se a ver e a ouvir ao falar, faz-se corpo ao fazer linguagem. Na lógica da heterossexualidade compulsória, “ser homossexual é trair a heteronorma e, desse modo, cometer uma transgressão, um crime, um pecado e uma ofensa aos heterossexuais” (TAKARA, 2019, p. 233). Por isso, reconhecemos a enorme importância de um artista do tamanho de Pablio Vittar – com todos os corpos que seu corpo (coletivamente) representa – ocupar espaços diversos, incluindo a capa de uma revista do tamanho da Revista *GQ Brasil*, como evidenciado no comentário da imagem 7.

Ainda assim, precisamos questionar o caráter problemático da normalização de premiações que se destinam a dar o título de “melhores homens do ano”, reforçando um binarismo de gênero nas separações de categorias “homem” e “mulher”. Essa problemática inclusive faz-se presente na fala do artista Pablio Vittar – que se encontra na epígrafe que abre este texto – ao receber o prêmio e dizer que nunca se viu nesse lugar de “sou homem”, mas que sim de ser o que quiser ser. O ato de fala-corpo presente nessa afirmação nos provoca para a ideia performativa das identidades de gênero que são des(re)construídas via linguagem. Sendo assim, é necessário interromper ideias e noções binárias e fixas das identidades, a começar por problematizar as representações acerca de gênero e sexualidade nos espaços midiáticos contemporâneos.

Na nossa análise para este artigo, nos debruçamos sobre a capa de uma edição especial de uma premiação em que aponta os “melhores” homens (e uma mulher) a cada ano em diferentes categorias (cinema, música, literatura, jornalismo etc.). Nesse jogo, ao selecionar os “melhores” em algo, implicitamente revela o caráter binário de “bom” e “ruim”, ou “não bom o bastante” para receber o título. Conseguimos perceber esse jogo instaurado em uma lógica de capitalismo parasitário (BAUMAN, 2010), em que se propõe, ainda que não objetivamente, uma competição que deve estar dentro da régua da opinião do veículo midiático. Logo, ao questionarmos sobre a possibilidade de existir *melhores*, quem é colocado no verso desse espelho? Acreditamos que as várias ramificações possíveis de entender-se no mundo emergem ao tencionamos as relações binárias que estruturam as práticas sociais, provocando assim desestabilizações em ideias/preceitos cristalizados no imaginário coletivo sobre quem a pessoa *deve/pode ser*.

Nosso intuito com essa reflexão não é chegar a uma solução ou caminho único, mas tensionar e problematizar – cada vez mais – a estrutura limitante desse sistema social em que vivemos. Acreditamos que, para além das discussões traçadas aqui, é necessário, inclusive, racializar essa discussão e problematizar as relações raciais que permeiam esses lugares. Girar o olhar, também, em busca de perceber, por exemplo, que cor têm os corpos que ocupam esses espaços? Reconhecemos as limitações e incompletudes deste estudo, mas reconhecemos também que isso não tira seu caráter social e sua relevância acadêmica e científica. Pois o que propomos aqui é um pequeno movimento que nos impulsiona a refletir e discutir sobre as possibilidades de se construir uma sociedade futura menos difícil de amar (FREIRE, 2016).

Refletindo sobre a intrínseca relação entre língua(gem), sociedade e subjetividade (SILVESTRE, RAMOS-SOARES, SABOTA, 2020), ressaltamos aqui a importância desses debates serem realizados por mais estudiosos da linguagem, principalmente da educação, possibilitando direito(s) a existência(s), saberes e vozes durante muito tempo silenciados. E, desta forma, que não haja a necessidade de escolher que voz será ouvida, mas criar, tal como posto por Boaventura de Souza Santos (2019), uma *ecologia de saberes* em que (co)existam e (re)existam vozes tidas como subalternas.

4. Considerações finais

Ao longo deste texto, analisamos e discutimos um acontecimento discursivo ocorrido na mídia em 2020, quando o artista Pablllo Vittar, cantor e *drag queen* brasileiro, foi consagrado pela Revista *GQ Brasil* como Ícone na premiação *Men of The Year 2020*. A grande circulação e o enorme consumo dessa revista, destinada ao público masculino, que através de artigos sobre alimentação, cinema, sexo, música, viagens, esporte, tecnologia e livros criam tendências e ditam comportamentos, influenciam de forma significativa nossa organização social. Por isso, problematizar uma ação discursiva promovida pela revista nos possibilitou movimentos de desconstruir imagens, estereótipos e estigmas construídos socioculturalmente por meio desses veículos que reverberam nas práticas sociais.

Neste texto, ocupamo-nos de problematizar a seguinte interrogação: os debates e as discussões que surgiram com a premiação de uma *drag queen* como “Homem do Ano” de uma importante revista podem possibilitar tensionarmos as noções de identidade de gênero e orientação sexual? Assim, atravessamos debates acerca da construção da homofobia, do discurso de ódio e da bagunça performativa em nossas noções de gênero provocada pela imagem de uma *drag queen*. Além disso, problematizamos as ideias de identidades fixas, sobretudo na percepção binária de gênero, e os ecos disso para nossa organização social.

Com isso, acreditamos que esse acontecimento discursivo se insere na trilogia texto, prática social e prática discursiva, pois compreendemos que as práticas linguístico-discursivas presentes nesse discurso estão imbricadas em estruturas sociopolíticas mais abrangentes de poder e dominação. Entendemos que o caminho de significação do mundo se torna cíclico a partir dessa tríade, que é adensada neste estudo por se tratar de quem é Pablllo Vittar e do suporte que a Revista *GQ Brasil* projeta na significação promovida. Sendo assim, em consonância com a revista e o artista, o corpo performa e a ação discursiva se valida, principalmente se levarmos em consideração o caráter internacional da revista e, conseqüentemente, o grande peso nas direções que se cria das regras sociais do *lifestyle*.

Sendo assim, problematizando e tensionando as relações de poder, possibilita-se a tomada de consciência sobre como a linguagem contribuiu, e contribui, para a dominação de alguns corpos por outros e o entendimento de que essa tomada de consciência é o primeiro passo para um processo de emancipação. A capa desta edição da revista, acompanhada dos comentários nas mídias sociais, contribuiu para observarmos o quanto ainda precisamos (des)caminhar nos debates sobre violência e opressões na tentativa de interromper a construção de discursos normativos que validam alguns corpos enquanto subalternizam outros. Os discursos de ódio e as falas violentas destacadas neste artigo comprovam o quão tóxico e opressor podem ser os espaços midiáticos contemporâneos para pessoas que desviam das normas e a importância de discursos que contrapõem essa lógica homofóbica e machista também presente nesses espaços.

A fala de Pablllo Vittar, epígrafe que abre este texto, nos convida a refletir sobre as potencialidades presentes nas performances de gênero desprendidas das ideias fixas e este-

reotipadas. Entendemos que os estudos que problematizam percepções sobre si, principalmente dentro das perspectivas críticas, possibilitam uma democratização do acesso a discussões e debates sobre corpo e afeto. Ao tentarmos compreender os mo(vi)mentos presentes na sociedade que buscam construir sociedades mais justas, plurais e igualitárias, nos aproximamos de práticas que condenam a violência e a barbárie. Diariamente membros da comunidade LGBTQIAP+ são agredidos, espancados e assassinados em nossa atual sociedade. Isso faz de estudos como este necessários e urgentes. Discutir sobre possibilidades para uma construção futura de sociedade mais plural e diversa é importante, mas não podemos deixar de lembrar que esses corpos estão sendo mortos hoje.

Por isso, é necessário, cada vez mais, valorizarmos as representações discursivas em suas múltiplas modalidades, em que se pretende reinventar e ressignificar o mundo, especialmente no que tange às questões de gênero e sexualidade. A performatividade e os atos de corpo são novas oportunidades para essas implementações, especialmente em se tratando de um mundo virtual e visual conectado em semioses e redes. Vislumbramos com este texto que pesquisadoras da linguagem, sobretudo da educação, possam cada vez mais engajar-se com a importância de se debater noções de gênero social em espaços educativos, a fim de dirimir/diminuir as violências presentes nesses espaços para construir formas *outras* de se *perceber* no mundo.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Movimientos de rebeldía y las culturas que traicionan. **Race/Ethnicity: Multidisciplinary Global Contexts**, v. 4, n. 1, p. 1-7, 2010.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAIO, Halina Rauber. **Masculinidades dissidentes no cinema e as instabilidades inerentes às identidades**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 3, n. 2, 1995, p. 458-463. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16462/15034>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BAXTER, Judith. Feminist post-structuralist discourse analysis: a new theoretical and methodological approach? In: HARRINGTON, K.; LITOSSELITI, L.; SAUNTON, H.; SUNDERLAND, J. (Ed.). **Gender and Language Research Methodologies**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008. p. 243-255.

BUCHOLTZ, Mary. The Feminist Foundations of Language, Gender, and Sexuality Research. In: EHRLICH, Susan; MEYERHOFF, Miriam; HOLMES, Janet (Ed.). **The handbook of language, gender, and sexuality**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2014. p. 23-47.

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Theorizing Identity in Language and Sexuality Research. **Language in Society**, v. 33, n. 4, p. 449-515, 2016.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-166.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMERON, Deborah; KULICK, Don. **Language and Sexuality**. Cambridge: Cambridge Press, 2003.

CHRISTIE, Christine. **Gender and Language: Towards a Feminist Pragmatics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.

CURIEL, Ochy. Crítica pós-colonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. **Nómadas**, n. 26 p. 92-101, 2007.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DE OLIVEIRA, Rosana Medeiros. Notícias de Homofobia: enquadramento como política. In: DINIZ, Debora; DE OLIVEIRA, Rosana Medeiros (Org.). **Notícias de homofobia no Brasil**. Brasília: LetrasLivres, 2014. p. 9-20.

DO VALLE, Eduardo. Pablio Vittar leva o Men Of The Year 2020. **GQ Globo**, 3 dez. 2020. Disponível em: <https://gq.globo.com/Men-of-the-Year/noticia/2020/12/pablio-vittar-leva-o-men-year-2020.html>. Acesso em: 10 out. 2021.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FAIRCLOUGH, Norman. Teoria social do discurso. In: FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coordenação da tradução e revisão técnica Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001. p. 89-132.

FOUCAULT, Michel. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento** (Ditos & Escritos, Vol. II). Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta; tradução: Elisa Monteiro. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 85-123.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GGB – GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório de mortes violentas de LGBT no Brasil 2019**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2019.

GGB – GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório de mortes violentas de LGBT no Brasil 2020**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2020.

GOTTARDI, Letícia. **Os nós do meu quipu: des/re-territorializações identitárias em um estudo autoetnográfico de formação docente**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português/Inglês e Literaturas) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, GO, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KITZINGER, Celia. Doing Feminist Conversation Analysis. **Feminism & Psychology**, v. 10, n. 2, p. 163-193, 2000.

LAZAR, Michelle (Ed.). **Feminist critical discourse analysis: Gender, power and ideology in discourse**. New York: Palgrave MacMillan, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 159, p. 38-62, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUGONES, María. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.

MAMA, Amina. Cuestionando la Teoría: Género, Poder e Identidad en el Contexto Africano. In: NAVAZ, Liliana Suárez; CASTILLO, Rosalva Aída Hernández (Ed.). **Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes**. Madrid: Editorial Cátedra, 2008.

MENDES JÚNIOR, Edson; SEFFNER, Fernando. Conexões entre sexualidade e deficiência são desafios para pensar uma escola diversa e inclusiva. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 2, n. 1, 2021. Disponível em: <https://ceeinter.com.br/ojs3/index.php/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/26>. Acesso em: 12 dez. 2021.

MEOTTI, Juliane Prestes. **Gênero sob a perspectiva decolonial de educação linguística crítica**. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, GO, 2020.

PEREIRA, Silvero. Silvero Pereira recebe prêmio Homem do Ano por papel em Bacurau usando vestido de estilista cearense. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 28 nov. 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/silvero-pereira-recebe-premio-homem-do-ano-por-papel-em-bacurau-usando-vestido-de-estilista-cearense-1.2180339>. Acesso em: 12 nov. 2021.

PERROT, Michele. **As mulheres, ou, os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PINTO, Joana Plaza. **Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

PINTO, Joana Plaza. É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos online. **Interdisciplinar**, v. 31, p. 221-236, jan./jun. 2019.

PINTO, Joana Plaza. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 33, p. 117-138, jul./dez. 2009.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Fazer Lingüística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 256.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **e-cadernos CES**, n. 18, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 20 out. 2021.

SILVESTRE, Viviane Pires Viana; RAMOS-SOARES, Wilker; SABOTA, Barbra. Corpos gordos (in)visibilizados na Linguística Aplicada. **RAÍDO**, v. 14, n. 36, p. 444-464, 2020.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TAKARA, Samilo. Você já se sentiu odiado hoje? Pedagogias culturais do ódio acerca das desobediências da normalidade. **BAGOAS**, v. 20, p. 225-263, 2019.

URZEDA-FREITAS, Marco Túlio de. **Letramentos queer na formação de professorxs de línguas: complicando e subvertendo identidades no fazer docente**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8444>. Acesso em: 20 out. 2021.

VALCÁRCEL, Amélia. **Feminismo en el mundo global**. Madrid: Cátedra, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 7-72.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer às Agências de Fomento Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo Apoio Financeiro concedido para o autor e as autoras deste texto através da bolsa de estudo de mestrado. Gostaríamos de agradecer ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás por proporcionar o encontro que possibilitou a escrita deste texto. Além disso, queremos deixar os nossos agradecimentos ao Prof. Dr. Hélvio Frank e a Profa. Dra. Yara Fonseca e Silva pela orientação, discussão e indicação de leituras durante a disciplina, que ampliaram nossas percepções sobre o objeto de estudo e suas potencialidades durante a produção deste texto.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

Recebido em: 14/03/2022
Aprovado em: 12/04/2022